

---

## Mapas identitários femininos

*Piedade Lalanda*

### O conceito de *mapa identitário*

O conceito de *mapa identitário* decorre de uma abordagem aos percursos vividos por mulheres, casadas e mães de pelo menos um filho, vivendo em contexto familiar. Considerando o tempo vivido não como trajectória linear, sequência de acontecimentos, mas como um tempo incorporado, conjunto diversificado de experiências vividas, o *percurso de vida* assume-se como um conjunto de momentos significativos, alguns dos quais decisivos na definição da vida das mulheres, como seja a entrada na vida conjugal e o nascimento do primeiro filho.

O tempo, como refere Heidegger “não é algo que nós, na realidade, temos, mas aquilo que vamos sendo, ou seja, o tempo é a temporalidade” e, nesse sentido, como também refere Heidegger (1992, p.21E) “não existe um tempo, mas vários tempos”. Logo, o tempo, mais do que uma linha cronológica de acontecimentos, possui uma textura vivida, feita do entrelaçar de relações com outros, que vão construindo a identidade social e a própria identidade individual e se assumem como *espaços de identificação* num determinado momento desse percurso.

Ao introduzirmos a noção de *espaço de identificação*, seleccionamos parcelas dessa textura que, neste caso, são consideradas pelas inquiridas como estruturantes da sua própria identidade. Através desses espaços iremos poder observar e entender as relações mais significativas e estruturantes da identidade das mulheres em estudo.

Entender a identidade como uma *mapa de espaços* permite alargar o conceito de *papel social*, limitado aos comportamentos esperados em função da posição social.

Assim, o conceito de *mapa identitário* enquadra a *identidade*, não apenas como estrutura vertical de papéis que se activa em função do contexto, mantendo-se os restantes em latência, mas como “geografia” diferenciada de espaços, que o actor mantém em harmonia relativa, em cada momento do seu percurso, de acordo com a relevância que lhe atribui. Por exemplo, para que uma mulher possa investir mais na sua profissão, e entenda-se investir não apenas tempo mas interesse, atenção, disponibilidade interior, terá forçosamente que gerir alterações que esse facto irá provocar, por exemplo, na sua relação com a casa, com os filhos, ou em outras áreas de identificação. Ao analisarmos esses domínios ou *espaços de identificação*, num determinado momento do percurso, podemos identificar um mapa ou “geografia” de espaços, nos quais cada mulher se move e através dos quais se identifica.

O *mapa identitário* representa uma estrutura dinâmica. Não se trata de um somatório de posições sociais ou mesmo de *espaços de identificação*, mas de uma síntese “temporária” entre os diferentes elementos que definem a identidade dos actores, num determinado momento do seu percurso de vida. Essa “síntese” identitária é uma estrutura relativamente permanente, ou seja, contribui para um sentimento de unidade, mas é também dotada de plasticidade (dinamismo) no sentido em que pode ser alterada com o tempo, em função dos acontecimentos vividos/experimentados pelos actores.

Num determinado momento, o *mapa identitário* permite-nos situar o indivíduo na sociedade a que pertence. E, “estar localizado na sociedade significa estar no ponto de intersecção de forças sociais específicas” (Berger, 1980:79)

A análise que vos propomos neste texto parte da leitura subjectiva que as mulheres, inquiridas, no âmbito do projecto IFPP<sup>1</sup>, fizeram dos espaços identitários que consideravam centrais no seu quotidiano, e que iremos analisar tendo em conta as suas posições sociais. Como refere Edmond Lipiansky (1990:174) “a consciência que o indivíduo tem de si próprio está

---

<sup>1</sup> Inquérito às Famílias no Portugal Contemporâneo (projecto coordenado pelo ICS/ISCTE, financiado pela FCT- 1996-2000)

forçosamente marcada pelas categorias de pertença (estado civil, estatuto, papéis...) e pela situação de interacção com o outro”.

Neste caso, iremos analisar a tipologia de *mapas identitários* em função da idade, do grau de escolaridade e da condição perante o trabalho das mulheres, no momento da entrevista. A escolha destas variáveis prende-se com a convicção de que, a actividade profissional altera a estrutura identitária das mulheres, bem como o percurso escolar realizado. A investigação por nós efectuada<sup>2</sup> permitiu, para além desta análise, demonstrar a importância dos percursos vividos, em particular o impacto da entrada na conjugalidade e do nascimento do primeiro filho, na construção/definição de um determinado *mapa identitário*.

## 1. Espaços de identificação (Açores, Lisboa e Continente)

### A família como espaço de identificação central

A questão colocada através do Inquérito às Famílias no Portugal Contemporâneo (IFPC) permitiu-nos identificar três domínios de realização ou de gratificação, considerados pelas inquiridas, como os mais relevantes. O estudo em causa procura analisar e comparar os resultados em três amostras representativas: Lisboa, Açores e Continente português. Numa primeira análise das respostas, destaca-se a importância atribuída aos filhos, à relação conjugal e às tarefas domésticas como domínios de gratificação<sup>3</sup>.

**Quadro 1 - Mapas identitários (espaços de identificação)**

Mapas identitários	Açores		Lisboa		Continente	
	fe	%	fe	%	fe	%
família	97	14,7	181	24,5	348	23,9
casa e família	260	39,5	125	19	402	27,6
trabalho e família	128	19,4	131	19,9	258	17,7
família e amigos	43	6,5	112	17,0	206	14,1
casa, família e amigos	29	4,4	21	3,2	65	4,5
casa, trabalho e família	29	4,4	19	2,9	50	3,4
trabalho/estudos, família e amigos	20	3,0	24	3,6	32	2,2
família, amigos e participação cívica	23	3,5	24	3,6	44	3,0
casa, família e participação cívica	15	2,2	4	0,6	8	0,6
casa, trabalho e amigos			15	2,3	37	2,5
família, actividade profissional, participação cívica			2	0,3	3	0,2
<b>Total</b>	<b>659</b>	<b>100,0</b>	<b>658</b>	<b>100,0</b>	<b>1458</b>	<b>100,0</b>
System missing	53		81		209	
Total da amostra	712		739		1667	

Fontes: Inquérito à Família no Portugal contemporâneo (1999) / *Transições familiares e construção da identidade das mulheres* (2003)

Quando combinados entre si podemos confirmar a relevância do espaço família, em particular a relação com os filhos, a vida em casal e a relação com os parentes próximos (ver quadro 1). Há mesmo um número significativo de inquiridas que refere estes três domínios

<sup>2</sup> Lalanda, Piedade (2003)

<sup>3</sup> Quando analisados o quadro de frequências dos espaços (e perante uma lista de doze domínios), verifica-se que a **relação com os filhos** reúne 88% das respostas das inquiridas nos Açores, 89,2% das lisboetas e 86% na amostra do continente. Quanto à **relação no casal**, registamos 74% de respostas nos Açores, 76,9% em Lisboa e 72,9% no Continente. A **relação com os parentes** é menos referida, no entanto representa 25,3% (Açores), 33,3% (Lisboa) e 31,7% (continente) das inquiridas. Finalmente, ainda no domínio da vida familiar, refira-se o peso das **tarefas domésticas**, em particular para as açorianas (50,6%) e menos para as lisboetas (28,4%) e para as inquiridas no continente (39,3%).

como os principais espaços de identificação (Açores – 14,7%); Lisboa – 24,5% e continente - 23,9%). Aliado a este núcleo de relações familiares, um outro grupo, não menos significativo de mulheres, associa às relações familiares a dinâmica vivida em casa como espaços de identificação; 39,5% das inquiridas nos Açores aponta a família, em particular os filhos e a vida em casal, e as tarefas domésticas como domínios de gratificação quotidiana.

### **Quando o mundo exterior é domínio de identificação**

Um terceiro tipo de mapa concilia a família e o trabalho fora de casa. De um modo quase idêntico nas três populações inquiridas, cerca de um quinto das entrevistadas (Aç. - 19,4%; Lx -19,9% e Cont.-17,7%) considera a actividade profissional um domínio de realização tão importante como a família, sobretudo a relação com os filhos e a vida em casal. De acordo com estes dados, a vida das mulheres abre-se ao domínio das relações não familiares, em primeiro lugar, através da actividade profissional. O trabalho permite o contacto com outras pessoas, outras áreas de competência e corresponde a uma fonte de rendimento económico.

Se olharmos os restantes mapas verificamos existir um quarto tipo, menos significativo para as açorianas (6,5%) mas com algum peso entre as inquiridas de Lisboa (17%) e do Continente (14,1%), que associa a família e os amigos, deixando de fora a casa e o trabalho. À semelhança do primeiro, este tipo de mapa valoriza as relações afectivas, dentro e fora da família. Numa percentagem menos significativa surgem os mapas que associam a casa, a família e os amigos (Aç.- 4,4%, Lx.- 3,2% e Cont. - 4,5%) ou a casa, o trabalho e os amigos (Aç. – 4,4%; Lx – 2,9% e Cont. – 3,4%).

## **2. Uma tipologia de mapas identitários**

Os *mapas identitários* acima apresentados permitem-nos construir uma tipologia tendo por base dois eixos de análise<sup>4</sup>:

- a) – a relação que a mulher estabelece com os outros (alter) e/ou consigo própria (ego)
- b) – a centralidade atribuída pela mulher a um determinado espaço, como por exemplo o doméstico.

A tipologia abaixo apresentada (ver quadro 2 e gráfico1) revela uma prevalência dos mapas que valorizam a relação com os outros (familiares) e a centralidade dos espaços doméstico e familiar: mapas *domesticocentrado* e *familiocentrado*.

Ao utilizarmos o sufixo “centrado” queremos realçar o tipo de eixos ou linhas da vida (Bertaux, 1997:33) que estruturam o *mapa identitário*, mais ou menos aberto a outros domínios que não apenas os filhos ou o marido. De acordo com os resultados, existem quatro eixos ou linhas de vida principais: a casa (*domesticocentrado*); as relações familiares dentro e fora do núcleo (*familiocentrado*); o trabalho profissional e/ou os estudos (*pluricentrado*) e as relações de amizade, de companheirismo ou mesmo de lazer (*sociocentrado*).

---

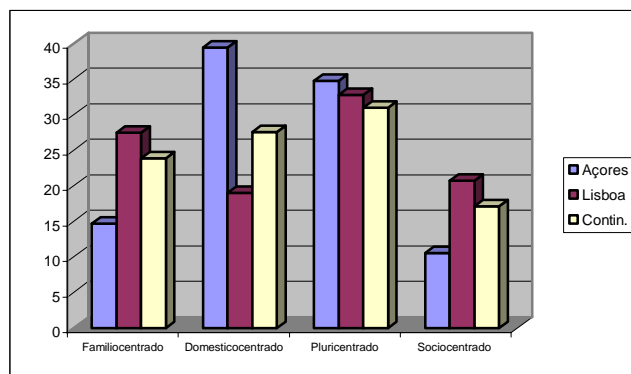
<sup>4</sup> Um terceiro eixo foi utilizado na análise dos resultados apresentados na dissertação de doutoramento (Lalanda, 2003), nomeadamente o percurso vivido, ou seja, o impacto das transições familiares (entrada na conjugalidade e nascimento do primeiro filho), quer ao nível de variáveis como a idade e condição social no início do namoro e na entrada na vida conjugal, quer em termos das alterações provocadas por esses acontecimentos e o significado que os mesmos assumiram na construção da identidade das mulheres.

**Quadro 2 - Tipologia de mapas identitários**

Tipologia	Mapas identitários	Total (%)		
		Açores	Lisboa	Contín.
<i>Familiocentrado</i>	Família (filhos, casal e parentes próximos)	14,8	27,5	23,9
<i>Domesticocentrado</i>	Casa (tarefas domésticas) e família	39,6	19,0	27,7
<i>Pluricentrado</i>	Trabalho (actividade profissional) e família; Trabalho/estudos, família e amigos; Trabalho, família e participação cívica (act.religiosas, políticas e mov.associativos); Casa, trabalho e família; Casa, família e amigos;	34,9	32,8	31,1
<i>Sociocentrado</i>	Família e amigos Família, amigos e part.cívica	10,6	20,7	17,2
<b>Total</b>		100		

Fontes: *Inquérito à Família no Portugal contemporâneo* (1999) / *Transições familiares e construção da identidade das mulheres* (2003)

**Gráfico 1 – Distribuição das inquiridas segundo o mapa identitário (Açores, Lisboa e Continente)**



Se, por um lado, não encontramos um tipo totalmente centrado na vida pública, não familiar, encontramos dois tipos que aliam ou conciliam o mundo privado com o público, seja ao nível do trabalho (*pluricentrado*) seja ao nível das relações de sociabilidade (*sociocentrado*).

O peso das transições familiares e dos papéis socialmente definidos para as mulheres poderão explicar esta importância acrescida da família na definição da grande maioria dos *mapas identitários*. No entanto, como podemos observar pelos quadros seguintes, há variáveis sociológicas que explicam esta centralidade da família, nomeadamente o baixo nível escolar, a condição de doméstica e a baixa idade. Em geral, as mulheres que configuram os mapas que se abrem a outro tipo de relações fora do domínio privado, são mais escolarizadas, estão entre os 35 e os 44 anos e estão empregadas.

### 3. Mapas identitários e idade

O quadro de cruzamento que a seguir analisamos (quadro 3) permite verificar que o tipo *domesticocentrado* é, sobretudo, partilhado por mulheres jovens.

**Quadro 3 - Tipologia de mapas identitários segundo a idade**

Grupo etário	Região	Tipologia de mapas identitários			
		Familiocentrado	Domesticocentrado	Pluricentrado	Sociocentrado
25-29	Açores	21,1	44,7	28,9	5,3
	Lisboa	17,9	35,7	39,3	7,1
	Contin.	30,0	34,3	27,2	8,6
30-34	Açores	16,8	40,0	31,2	7,2
	Lisboa	33,3	19,4	30,3	15,5
	Contin.	28,8	30,2	23,8	14,6
35-39	Açores	14,4	38,0	39,9	7,4
	Lisboa	34,1	17,5	30,8	7,5
	Contin.	25,9	25,5	32,9	15,2
40-44	Açores	13,2	39,5	34,5	13,3
	Lisboa	31,3	18,3	37,2	25,6
	Contin.	35,3	37,0	45,5	26,8
Total	Açores	14,7	39,5	34,8	10,5
	Lisboa	27,5	19,0	32,8	20,7
	Cont.	23,9	27,6	31,0	17,1

Fontes: *Inquérito à Família no Portugal contemporâneo* (1999) / *Transições familiares e construção da identidade das mulheres* (2003)

Quando analisadas as variáveis da conjugalidade, constatamos que muitas destas mulheres entraram antes dos 20 anos na conjugalidade<sup>5</sup> e foram mães jovens<sup>6</sup>. Estas mulheres centram a sua vida no cuidar dos filhos, do marido e da casa e, no caso dos Açores e do Continente, é também entre as mulheres mais jovens que vemos sobre representado o tipo *familiocentrado* onde, para além do núcleo familiar, a mulher valoriza a relação com os parentes próximos.

A abertura ao mundo público faz-se através da actividade profissional, em particular no grupo etário entre os 35 e os 39 anos e, em termos dos amigos, depois dos 40. No tipo *sociocentrado*, as redes de sociabilidade são valorizadas, sem que isso implique ter como domínio de identificação a casa ou o trabalho profissional, mas apenas os familiares e os amigos ou companheiros/as de actividades cívicas.

#### 4. Mapas identitários e nível de escolaridade

A análise das configurações identitárias (mapas), em função da idade, torna-se mais clara quando cruzamos os *mapas identitários* com o nível de escolarização.

Como se pode ver no quadro 4, as mulheres que valorizam o mundo doméstico são, na sua grande maioria, pouco escolarizadas. No mapa *familiocentrado* estão sobre representadas mulheres com uma escolaridade de nível intermédio (entre o preparatório e o secundário), enquanto que os mapas *pluricentrado* e *sociocentrado* estão sobre representados entre as mulheres com maior grau de escolaridade.

O quadro em análise (nº4) permite confirmar a hipótese de que, a pluralidade de espaços é tanto maior quanto mais escolarizada é a mulher. O facto de a mulher centrar a sua vida na casa, mais até do que nas relações familiares, é uma forma de afirmar competências sociais,

<sup>5</sup> 55,6% das inquiridas nos Açores; 36,6% em Lisboa e 45,8% no continente, entraram na conjugalidade até aos 20 anos.

<sup>6</sup> 29,6% das inquiridas nos Açores, 16% em Lisboa e 17,6% no continente, foram mães até aos 20 anos.

adquiridas no próprio processo de socialização e, assim, obviar à procura de emprego, que a sua baixa escolarização e qualificação poderiam comprometer. Por outro lado, a escolarização contribui não só para diversificar os espaços de identificação bem como para trazer a mulher para domínios públicos de participação social, nomeadamente a participação cívica.

**Quadro 4 - Tipologia de mapas identitários segundo o nível de escolaridade**

Grupo etário	Região	Tipologia de mapas identitários			
		Familiocentrado	Domesticocentrado	Pluricentrado	Sociocentrado
< primário	Açores	10,7	<b>53,6</b>	21,4	<b>14,3</b>
	Lisboa	25,0	<b>37,5</b>	12,5	12,5
	Contin.	18,0	<b>49,2</b>	19,6	13,1
Básico primário	Açores	15,4	<b>49,3</b>	26,6	8,3
	Lisboa	28,2	<b>29,9</b>	24,1	17,8
	Contin.	24,2	<b>38,3</b>	23,0	14,5
Básico preparatório	Açores	11,4	<b>45,6</b>	29,2	14,0
	Lisboa	29,0	<b>24,3</b>	26,1	20,6
	Contin.	<b>26,7</b>	<b>31,8</b>	24,4	18,0
Básico unificado	Açores	<b>16,4</b>	17,8	<b>50,6</b>	<b>12,4</b>
	Lisboa	<b>31,3</b>	20,6	26,7	21,4
	Contin.	<b>29,4</b>	20,3	33,9	16,4
Secundário	Açores	<b>20,3</b>	21,9	<b>51,6</b>	10,8
	Lisboa	<b>29,8</b>	11,3	<b>37,8</b>	18,5
	Contin.	24,3	10,4	<b>40,5</b>	<b>24,9</b>
Superior	Açores	13,6	4,5	<b>68,2</b>	<b>13,6</b>
	Lisboa	18,4	2,6	<b>55,3</b>	<b>23,7</b>
	Contin.	13,6	1,2	<b>82,3</b>	<b>18,9</b>
Total	Açores	14,7	39,5	34,8	10,5
	Lisboa	27,5	19,0	32,8	20,7
	Cont.	23,9	27,6	31,0	17,1

Fontes: *Inquérito à Família no Portugal contemporâneo (1999) / Transições familiares e construção da identidade das mulheres (2003)*

O facto de estarem sobre representadas as mulheres mais escolarizadas entre as que manifestam um mapa *sociocentrado* induz que a escolaridade pode contribuir para uma valorização das relações extra-familiares, em particular com os amigos e com aqueles que partilham ideais cívicos semelhantes.

## 5. Mapas identitários e condição perante o trabalho

Para concluir esta análise empírica, iremos avaliar em que medida os *mapas identitários* variam com a condição perante o trabalho das inquiridas. De acordo com os resultados abaixo apresentados (Quadro 5), as domésticas estão sobre representadas entre as inquiridas para quem a casa e/ou a família constituem os domínios de realização mais significativos (*mapas familiocentrado e domesticocentrado*). Comparando as diferentes populações inquiridas, podemos notar que são as açorianas aquelas que maior importância atribuem à casa, ou seja às tarefas domésticas. Por sua vez, as empregadas, estão particularmente sobre representadas no

mapa *pluricentrado*. Neste tipo de mapa, o trabalho profissional ocupa um lugar dominante, em paralelo com a família e, em alguns casos, com a casa. O mapa *sociocentrado*, que reúne as relações familiares e não familiares, nomeadamente os amigos, surge sobrerrepresentado entre as domésticas lisboetas.

Uma análise comparativa deste cruzamento com os anteriores permite-nos verificar que, das variáveis que explicam a construção da geografia identitária das mulheres, a idade parece estar associada à escolaridade o que, no caso destas inquiridas, leva mulheres jovens, pouco escolarizadas, a centrarem-se na família. No caso açoriano, as mulheres inquiridas que valorizam o doméstico não são forçosamente as menos escolarizadas, possuem a escolaridade obrigatória, no entanto não exercem uma actividade profissional nos primeiros anos de vida conjugal e familiar.

**Quadro 5 - Tipologia de mapas identitários segundo a condição perante o trabalho**

Grupo etário	Região	Tipologia de mapas identitários			
		Familiocentrado	Domesticocentrado	Pluricentrado	Sociocentrado
Exerce profissão (empregada)	Açores	13,4	22,7	<b>52,7</b>	10,8
	Lisboa	27,3	13,6	<b>39,6</b>	19,5
	Contin.	25,0	21,4	<b>37,8</b>	17,0
doméstica	Açores	<b>15,9</b>	<b>57,6</b>	16,7	9,1
	Lisboa	<b>30,3</b>	<b>36,0</b>	6,7	<b>26,9</b>
	Contin.	<b>25,1</b>	<b>48,2</b>	9,9	16,9
desempregada	Açores	<b>28,6</b>	33,3	28,7	9,5
	Lisboa	<b>32,0</b>	<b>32,0</b>	14,0	22,0
	Contin.	<b>38,0</b>	<b>34,2</b>	11,4	16,5
outras	Açores	6,7	40,0	33,2	<b>20,0</b>
	Lisboa	15,6	<b>34,4</b>	<b>46,9</b>	0,0
	Contin.	13,3	<b>36,0</b>	30,5	<b>20,0</b>
Total	Açores	14,7	39,5	34,8	10,5
	Lisboa	27,5	19,0	32,8	20,7
	Cont.	23,9	27,6	31,0	17,1

Fontes: *Inquérito à Família no Portugal contemporâneo* (1999) / *Transições familiares e construção da identidade das mulheres* (2003)

### A casa em contraponto ao emprego

A dualidade entre mulheres empregadas e mulheres domésticas reflecte, em certa medida, a dualidade, não tanto entre “família e trabalho” mas, sobretudo, entre “casa e trabalho”. Assim, a questão da conciliação surge associada a esta dupla actividade e não tanto à dificuldade de gerir a relação com os filhos e com o emprego. Como vimos, as relações familiares são transversais à quase totalidade dos *mapas identitários*. Nesse sentido, a abertura de um mapa passa, antes de mais, pelas novas relações, daí que o mapa *familiocentrado* revele, em alguns casos, mulheres mais escolarizadas (secundário). As relações de sociabilidade não familiar abrem a geografia identitária; as tarefas, entendidas como trabalho remunerado ou não, fecham o indivíduo num universo pouco flexível. O emprego, para libertar as mulheres da casa, tem de proporcionar relações, contactos, de outro modo é sobretudo uma outra forma de despender energia, desta feita remunerada, o que não deixa de ser uma mais-valia. Mas, se quisermos motivar as mulheres para uma participação mais activa nas associações profissionais

ou cívicas, ou mesmo para a actividade política, é necessário cultivar as relações fora do universo fechado da casa e fora dos espaços profissionais que apenas exploram a capacidade produtiva das trabalhadoras.

## 6. Em síntese

O “conceito de mapa identitário deve ser entendido como uma (re)construção teórica que dá visibilidade aos principais domínios ou *espaços de identificação* que definem o quotidiano de um actor social. Esta estrutura, dinâmica, não coincide apenas com os papéis sociais dos actores, mas representa o modo como estes valorizam os espaços de referência identitária.” (Lalanda, 2003:628).

Das diferentes combinações de espaços encontradas, destacam-se quatro principais tipos: um primeiro, mais centrado na vida do núcleo familiar e nas actividades domésticas (*domesticocentrado*); um segundo, polarizado nas relações familiares dentro e fora do núcleo doméstico (*familiocentrado*); um terceiro, que diversifica os espaços através da valorização do universo profissional e dos estudos (*pluricentrado*) e, finalmente, um quarto tipo onde, para além das relações familiares, são valorizadas outras relações de sociabilidade, nomeadamente os amigos, os colegas ou mesmo o convívio de lazer (*sociocentrado*).

De acordo com os resultados apresentados, as mulheres inquiridas neste estudo revelaram sobrevalorizar a família e a casa. Em percentagens menos significativas surgem os *mapas identitários* que abrem o quotidiano feminino ao mundo público do trabalho ou das sociabilidades não familiares. Comparando as diferentes amostras, verifica-se que as açorianas mantêm uma relação mais intensa com a casa, em particular com as tarefas domésticas, enquanto que as lisboetas e as continentais, em geral, revelam um universo de relações mais diversificado.

Uma ideia final parece resultar desta análise dos *mapas identitários*, a importância da flexibilidade das estruturas identitárias, como estratégia de promoção e adaptação das mulheres a uma maior participação activa na vida pública.

### Flexibilizar os *mapas identitários* pela pluralidade de espaços

Tal como uma estrutura se torna mais flexível através do emparcelamento, também um *mapa identitário* ganha capacidade de alteração e de adaptação pela pluralidade de espaços que o compõem. Quanto mais monoespacial for um mapa, maior dificuldade essa pessoa terá em alargar e diversificar a sua participação activa, através de outros espaços, que não esse que domina a sua geografia identitária. Pelo contrário, quanto mais plural for um *mapa identitário*, maior capacidade revela esse actor em realizar-se através de diferentes espaços de identificação, desde que os mesmos representem uma mais valia em termos relacionais. Incrementar esta estratégia implica um processo de socialização que, desde a infância, proporcione uma diversidade de experiências, dentro e fora do universo familiar.

## Bibliografia

- Bertaux, Daniel (1997), *Les récits de vie*, Paris, Ed. Nathan (col. 128), 127p.
- Commaille, Jacques (1993), *Les stratégies des femmes, travail, famille et politique*, Paris, Ed. La Découverte, 188p.
- Heidegger, Martin (1992), *The concept of time*, Oxford-UK, Ed. Blacwell, 40p.
- Irigaray, Luce (1995), “Femmes et hommes: une identité relationnelle différente », in Ephesia, *La place des femmes – les enjeux de l’identité et de l’égalité au regard des sciences sociales*, Paris, Ed. La Découverte (Recherche), pp.137-142.



- Kaufmann, Jean-Claude (1999), *La femme seule et le prince charmant, enqut este sur la vie en solo*, Paris, Ed. Nathan, 208p.
- Kellerhals, Jean et autres (1982), *Mariages au quotidien – inégalités sociales, tensions culturelles et organisation familiale*, Lausanne, Editions Pierre-Marcel Favre, 285p.
- Lalanda, Piedade (2003), *Transições familiares e construção da identidade das mulheres*, dissertação de doutoramento em Ciências Sociais - Sociologia, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 662p.
- Lipiansky, Edmond Marc (1990), “ L’identité personnelle”, in Jean-Claude Ruano-Borbalan (coord), *L’identité – l’individu, le groupe, la société*, Auxerre, Sciences Humaines Éditions, pp.21-29.